

Broquetas, Magdalena y Caetano, Gerardo (coordinadores). *Historia de los conservadores y las derechas en Uruguay. Guerra Fría, reacción y dictadura*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2022, 423 pp.

Historia de los conservadores y las derechas en Uruguay. Guerra Fría, reacción y dictadura é o segundo tomo de uma alentada obra em três volumes organizada por Magdalena Broquetas e Gerardo Caetano. Trata-se de projeto editorial afinado com o nosso tempo, em que vemos —e sofremos— a ascensão ao poder de diferentes lideranças e movimentos políticos radicais de direita, de pós-fascistas a neoconservadores, de nostálgicos das ditaduras militares a supostos anarco-capitalistas, entre outros grupos que povoam esse universo político. Embora a coletânea conte com a participação de autores(as) de formação acadêmica diversa, o tom predominante é fornecido pelos historiadores que a organizaram, felizmente praticantes da melhor Historiografia, aquela atenta às contribuições teóricas das demais Ciências Sociais.

Neste momento, em que se percebe um deslocamento das Ciências Sociais (particularmente a Ciência Política) em direção ao estudo das direitas, que aparentemente está em vias de tonar-se objeto acadêmico de moda, é fundamental a publicação de obras deste tipo, que mostram a contribuição singular e indispensável dos historiadores ao estudo do tema. Não se trata de recuperar a ultrapassada visão da História como *magistra vitae*, mas de ressaltar que para o estudo dos fenômenos sociais é essencial levar em conta o tempo e as temporalidades, que ajudam a compreender não apenas a origem dos novos fenômenos, mas também a avaliar qual seria a novidade em relação às tradições anteriores, que com frequência lhes servem de fonte de inspiração ou de justificativa para as escolhas presentes.

Outra evidência de diálogo com a melhor Historiografia é que esta proposta de uma história das direitas no Uruguai não se restringe às fronteiras nacionais, já que busca compreender a trajetória das direitas locais em conexão com espaços mais amplos, tanto regionais como globais. Assim, o leitor da obra poderá aprender as singularidades da história uruguaia, que se

destacam quando em contraste com outros países da região, mas também os elementos que a aproximam de outros espaços latino-americanos, com que partilha desafios e problemas semelhantes. O livro é original também —e ambicioso— tendo em vista o escopo da abordagem, que abarca um arco temporal de duzentos anos, dos movimentos contrarrevolucionários do início do século XIX às formações de direita atuais, que têm produzido projetos políticos ao mesmo tempo originais e inspirados em tradições passadas.

Mas esta resenha é dedicada especificamente ao segundo tomo da obra, que enfoca o período entre os anos 1940 (início da Guerra Fria) e os anos 1980 (o fim da ditadura militar). O volume é dividido em três partes, a saber, *Las derechas y las masas*; *Radicalización y anticomunismo*; *Civiles y militares en dictadura*, com o que os autores buscaram sintetizar processos históricos complexos e marcantes tanto no Uruguai quanto na América Latina em geral. Nas duas primeiras partes do livro, destacam-se os movimentos de direita que reagiram ao clima político progressista que emergiu nos anos 1940 com a derrota do fascismo e, em seguida, aos processos revolucionários nas áreas colonizadas e periféricas nos anos 1950-60, que se deram simultaneamente aos debates e projetos para desenvolvimento econômico e industrialização na América Latina. Nesse contexto ocorreu notável incremento do ativismo de movimentos sociais e políticos que pressionaram por reformas visando democratizar o acesso ao poder e às riquezas sociais. Frente a tais desafios as forças de direita investiram em diferentes estratégias, desde reforçar laços com as potências ocidentais e intensificar os aparatos e tecnologias de controle social e de repressão, como buscar novas formas de ação política e de mobilização popular com viés conservador, sendo que no caso uruguaio chama atenção o tema do ruralismo, tal como nos mostram os colaboradores do livro. No período pós-Segunda

Guerra fazendeiros e ruralistas se organizaram em outros países da região, mas o caso da Liga Federal de Acción Ruralista se destaca por seu impacto público e pela capacidade de mobilizar também pequenos produtores rurais.

Ainda na primeira e na segunda parte do livro, outros temas abordados merecem destaque, como o papel dos movimentos e da retórica anticomunista para a unificação de diferentes facções da direita; a questão da crise e da sensação de declínio econômico no Uruguai, principalmente nos anos 1960, que impactou as escolhas e os dilemas das direitas entre o intervencionismo estatal e o (neo)liberalismo; as estratégias dos dois partidos tradicionais frente a esses cenários desafiadores, cindidos por novas facções que buscavam responder a contextos em que valores e demandas de esquerda ganhavam mais terreno; o lugar estratégico ocupado pelo sistema escolar e as universidades nesse cenário conflitivo, instituições consideradas pelas direitas como alvo tanto de repressão como de políticas modernizadoras; a criação de organizações juvenis de direita, como a Juventud Uruguaya de Pie (JUP); o impacto do antiperonismo (e, portanto, do peronismo) no debate político uruguaio.

A terceira parte do livro é particularmente interessante, dado que a historiografia sobre a ditadura militar (ou cívico-militar) ainda se encontra em consolidação. Assim, os pesquisadores do tema das ditaduras encontrarão neste volume contribuições valiosas, como estudos sobre as articulações (enfocando tanto lideranças individuais, como Pacheco e Bordaberry, quanto partidos e frações partidárias) entre civis e militares para a construção do estado autoritário; a atuação de lideranças católicas conservadoras no contexto ditatorial, que lutavam a um só tempo contra as organizações de esquerda e contra o que chamavam de infiltração comunista na igreja; as conexões entre

ditadura e imprensa, que envolveram censura e autocensura, mas também o engajamento de alguns periódicos e revistas em defesa de agendas direitistas; estudos sobre algumas políticas sociais desenvolvidas pela ditadura, notadamente voltadas ao ensino básico (aí incluída a introdução da autoritária moral e educação cívica) e aos trabalhadores; análises sobre a instituição das Juntas de Vecinos, uma tentativa da ditadura de legitimar-se ao usar uma fórmula inspirada no passado republicano, ao mesmo passo em que as instituições parlamentares eram dissolvidas; estudos sobre as conexões uruguaias com o Operativo Condor; ensaios que compreendem a ditadura militar menos como excepcionalidade e mais como possibilidade inscrita nas tradições de direita ativas desde o início do século XX, e a enfocam como objeto em disputa na memória dos atores políticos atuais.

Em suma, trata-se de uma obra de largo fôlego e notável qualidade acadêmica, que oferece estudos sobre a história das direitas uruguaias em escalas temporais e espaciais ampliadas. Os leitores encontrarão no livro análises instigantes e bem fundamentadas, que ajudam a compreender não apenas a trajetória das direitas uruguaias, mas também a história política e social do país em largo escopo, já que as direitas ocuparam o poder estatal em todo o período focado no volume. Talvez o melhor elogio ao livro é que ele representa um convite para a realização de novos estudos e pesquisas, inclusive a partir de miradas comparativas e conectadas que integrem o caso do Uruguai à região e ao continente, de forma que se possa perceber os pontos comuns e as aproximações, mas também as singularidades que o distinguem.

Rodrigo Patto Sá Motta
Universidade Federal de Minas Gerais,
Brasil